

de albar

Diretor: PEDRO CATALO

A IDÉIA É COMO A GÔTA D'ÁGUA. PODE REFLETIR A IMENSIDADE.

Redação e Administração
Rua Rubino de Oliveira, 85
Correspondência: Caixa Postal 5739
São Paulo

ANO I

NÚMERO 5

SÃO PAULO, JUNHO DE 1967

PREÇO NCr\$ 0,20

DEMOCRACIA...



Decididamente, estamos atravessando uma época em que as palavras perderam a sua exata significação. O seu legítimo conteúdo diluiu-se no emaranhado das conveniências sociais, e a palavra, que sempre foi instrumento de entendimento humano e de exatas referências, passou a ser, quase que exclusivamente, arma de oportunismo.

Falar em revolução, liberdade, fraternidade, igualdade e direitos dos homens, equivalia, até há pouco tempo, a uma declaração de princípios, a uma profissão de fé que identificava uma posição ideológica. Mas, desde que Mussolini, aquele paspalhão de infausta memória que teve a cara de pau de dizer que o fascismo significava a revolução social, rompeu-se o invólucro da decência e do decore e as palavras passaram a dançar a orgia estralante das mentiras desmedidas. Isto pelo menos em política.

A palavra Democracia também não podia escapar a esse vendaval de inversão de valores e, seguindo a desvalorização e esvaziamento do conteúdo das frases, sofreu tremendo descalabro. Abusou-se tanto do uso continuado desse vocábulo, como também na contínua negação de seu intrínseco significado, que acabou por desacreditar-se e não mais inspira a pre mereceu. Falar em De-

mocracia nos dias de hoje é repetir um surrado chavão demagógico que nada expressa de positivo. A sua expressão nas urnas serve apenas para externar o repúdio que o povo sente pelos governos totalitários, quer sejam vermelhos ou doutra qualquer cor.

Quem fala mais em Democracia e socialismo são os próprios comunistas, entretanto, são a negação mais autêntica das liberdades públicas e dos Direitos dos cidadãos. São por demais conhecidas as tábuas razas que eles fazem quando tomam o poder. Os paredões de Cuba, o cárceres, os campos de concentração e os trabalhos forçados dos países chamados socialistas, são traços macabros e inconfundíveis dessa diabólica invenção de Carlos Marx.

Democracia, etimologicamente quer dizer: governo do povo. Como se pode conceber então um governo do povo que, por meio de uma lei de imprensa, recusa-se a ouvir a voz desse mesmo povo? Como conceber um governo do povo que, com uma lei de segurança nacional, põe em risco a segurança dos seus próprios cidadãos?

Democracia é um regime que se aprimora através da livre manifestação dos seus componentes; Democracia é um sentimento de quase toda a população brasileira, depois de três anos de descabidos tateios e de insulsas experiências, que chegaram inclusive a reviver fenômenos tétricos que o Brasil já não sofria há mais de trin-

ta anos, como o desemprego, deixou o saldo de uma revolução que ainda se pavoneia democrática, um gravame pungente e desolador.

Não pode uma verdadeira Democracia herdar, como expressão desse regime, duas leis que ferem profundamente a sua sensibilidade orgânica. A lei de imprensa e a lei de segurança nacional são dois atos que ofendem frontalmente os brios e a confiança que um povo laborioso e cordato depositou na revolução de março.

Forçoso é reconhecer que as revoluções brasileiras saíram sempre das filas militares, de honrosos soldados que, apesar de envergarem fardas altamente graduadas, mantinham bem vivos os princípios humanistas de respeito às liberdades públicas e por elas se bateram. Dorosamente, porém, uma revolução esperançosa e incruenta, grande e promissora, não soube honrar a tradição e a memória de generais como Isidoro Dias Lopes, Miguel Costa, Manuel Rabelo e outros.

A revolução de Março de 64, que trazia em sua bandeira a defesa e a salvação da democracia brasileira, é a mais desconcertante prova provada do que acabamos de dizer.

Esse movimento cívico-militar, que recebeu o aplauso e o assentimento de quase toda a população brasileira, depois de três anos de descabidos tateios e de insulsas experiências, que chegaram inclusive a reviver fenômenos tétricos que o Brasil já não sofria há mais de trin-

ta anos, como o desemprego, deixou o saldo de uma revolução que ainda se pavoneia democrática, um gravame pungente e desolador.

Não pode uma verdadeira Democracia herdar, como expressão desse regime, duas leis que ferem profundamente a sua sensibilidade orgânica. A lei de imprensa e a lei de segurança nacional são dois atos que ofendem frontalmente os brios e a confiança que um povo laborioso e cordato depositou na revolução de março.

Forçoso é reconhecer que as revoluções brasileiras saíram sempre das filas militares, de honrosos soldados que, apesar de envergarem fardas altamente graduadas, mantinham bem vivos os princípios humanistas de respeito às liberdades públicas e por elas se bateram. Dorosamente, porém, uma revolução esperançosa e incruenta, grande e promissora, não soube honrar a tradição e a memória de generais como Isidoro Dias Lopes, Miguel Costa, Manuel Rabelo e outros.

Por isso, como povo que somos, sentindo a dor de uma revolução malograda, prestamos a nossa homenagem e o nosso reconhecimento a aqueles homens que, embora generais, lutaram por um Brasil melhor, por um Brasil verdadeiramente Democrático.

NÃO ESTAMOS SATISFEITOS COM OS NOSSOS SALÁRIOS!

Viva os Reis!

Uma figura de relêvo, da revolução de 1930, já falecida, disse em certa ocasião, referindo-se à situação penosa do nosso país: "Eu sei onde está o dinheiro". Nestes dias passados, "Notícias Populares", desta capital, publicou, por pura pilhéria, um pequeno relato com o curioso título que segue: "Quanto ganham Os Reis".

Lendo esse pequeno relatório fomos tentados a repetir a frase que então disse aquele eminente brasileiro: "Nós sabemos onde está o dinheiro". A título de curiosidade e continuando a brincadeira do referido jornal, reproduzimos o pequeno relato, respeitando-lhe o sumptuoso título.

"QUANTO GANHAM OS REIS

Entre as cabeças coroadas que reinam ainda na Europa, e as rainhas têm "salário" maior que os reis. Das sete casas reais européias, nesse particular vem em primeiro lugar a da Holanda, cuja rainha, Juliana, recebe cerca de 2 bilhões e 700 milhões de cruzelros por ano. Ela está atualmente pedindo aumento de subsídio, visto como o que recebe é pouco para as despesas com o seu pessoal: vem depois a rainha Elizabeth, da Inglaterra, que recebe pouco mais de 2 bilhões. Elizabeth é, porém, pessoalmente muito rica; sua coleção de selos vale quase 4 bilhões de cruzelros; seus quadros, 90 bilhões e tem uma mesa de ouro maciço que pesa nada menos de 5 toneladas: vem depois o rei Balduino, da Bélgica, que ganha um e meio bilhões e alega ter que gastar de seu bolso para aten-

der às exigências do posto. Tanto ele como a rainha da Inglaterra também querem aumento. Frederico IX, da Dinamarca já providenciou para que seu estipêndio fosse elevado para 1 bilhão e 200 milhões, enquanto que Gustavo Adolfo, da Suécia, não se conforma com o bilhão que recebe, tal com o rei Constantino, da Grécia, que recebe apenas 900 milhões. O mais "pobre" dos reis, porém, é Olavo V, da Noruega; recebe apenas 450 milhões por ano. Naturalmente, todos eles, reis e rainhas, além de seus "subsídios", têm outras entradas, porque por si ou, o que é mais frequente, por seus prepostos, são negociantes, industriais, agricultores e exercem outras atividades. Mas, como todos nós, não estão satisfeitos com o "salário": querem aumento."

Ora, aí está uma coisa muito curiosa. Os reis querem "aumento de salários". Em nossa longa caminhada pelas lides sindicais, tivemos oportunidade de conhecer greves das mais estranhas e esquisitas. Greves de delegados de polícia, de bombeiros, de "tiras" policiais e, por muito singular que possa parecer, tivemos oportunidade de comentar, já faz muito tempo, num semanário de São Paulo, "A Plebe", uma greve de padres de uma igreja do Peru. Mas, uma greve assim, "sui generis", quieta, silenciosa, greve de reis e rainhas pedindo aumento de salários, nunca imaginamos que pudesse acontecer.

É, no entanto, um acontecimento até certo ponto alvitreiro e bonfortante para esses milhões de trabalhadores que recebem a fascinante recompen-

sa do salário mínimo. Quem sabe se, juntando as duas fór-

ças, o pulcro gesto protestatário dos reis e rainhas e o ricto

famélico dos mínimos salaria-

dos, produzem uma reação bio-



Isto, nós deixamos a cargo de sua consciência

Se insistimos em comentar as falções dos Papas, as suas pastorais, as encíclicas e principalmente as atitudes do clero nestes últimos tempos, não será, certamente, por puro dilettantismo e tampouco porque sejamos anti-clericales ou materialistas, ateus, panteístas ou qualquer outra designação que nos queiram atribuir. Isto, nós o deixamos a gosto de cada leitor.

Perseveramos neste ponto porque o homem, em seu eterno perambular pelo nosso martirizado planeta, defrontou-se sempre com o intrincado problema de saber da sua origem. A humanidade sempre quis saber, com curiosidade quase infantil, se, de fato, o homem foi manipulado por Deus, feito de barro e posto a vagar por este mundo afora, sem roupa, sem ferramentas, sem pão, sem fogo, sem ao menos uma simples caneca para beber água, ou se, como diz Cano Ruiz: "O materialista entende a natureza humana como uma delicada e maravilhosa combinação de elementos materiais, sujeita a todas as influências a que está sujeita a própria matéria".

A razão, pois, está com Darwin ou com Moisés?

Esta é a sempiterna pergunta que paira no ar por séculos e séculos.

Quando, portanto, um humilde mortal como nós, procura indagar qual o destino que vai ter depois de morto, está apenas querendo saber, com a candura do simples raciocínio e amparado nas surpreendentes revelações científicas que cada dia mais e mais surpreendem, quem é, de onde veio e para onde vai. (Demasiadamente sabemos que esta indagação, quando é feita com espírito liberto de certas peias

metafísicas e acima de preconceitos oficialmente estabelecidos, abespinham incontinenti alguns exegetas que não sentem muita segurança em suas bases filosóficas).

Mas, desde que as autoridades papalinas deixaram de lado as absurdas concepções teológicas de que a Terra era plana e não redonda, as teorias de Ptolomeu, de que o Sol girava ao nosso redor e não a Terra em redor do Sol, e desde que os últimos concílios ecumênicos penitenciaram-se dos martírios inflingidos a Ga-

lileu, que afirmava que a Terra girava, nós, que sempre estivemos ao lado dessas verdades que hoje o clero perfilha, sentimo-nos à vontade para esmiuçar os problemas e as atitudes que esse mesmo clero toma nestes dias de agitação universal.

Desde que a astronáutica começou a invadir os domínios considerados divinos, o clero, e de modo especial o católico, modificou a sua dialética apostólica. E comum ver-se agora padres, bispos, pastores, cardeais e papas, transformados em paladinos de reivindicações pro-

letárias. Será por que a pobreza somente agora apareceu no mundo? Ou somente agora a clerezia tomou conhecimento desse flagelo bíblico e universal? Ou será ainda por que as injustiças sociais são práticas modernas?

Não, certamente que não.

A pobreza e as injustiças sociais são milenárias, elas já são do tempo em que Jesus Cristo expulsou do templo, a golpes de rebenque, os ricos, os vendilhões, os exploradores, como uma afirmação bíblica de que a riqueza acumulada é

produto de usurpação. Nem a "Rerum Novarum" de Leão XIII e nem a "Mater et Magistra", de João XXIII, foram suficientes para inflamar os peitos dos nossos prelados e fazê-los saltar na arena, como se observa ultimamente.

A razão desta mudança encontramos-a (perdoem-nos a irreverência os exegetas religiosos) nas maravilhosas conquistas das ciências, principalmente da astronáutica, que conseguiu fazer o que sempre se sonhou fazer, mas que jamais se considerou possível: os vãos estratosféricos e as positivas investigações interplanetárias. Vencer as leis da gravidade e superar as deficiências atmosféricas, conseguir os manjões voluntários na imensidão sideral, extraterrena, são coisas que, mesmo começando a se tornarem corriqueiras, ainda nos deixam pasmados, estaticos, estarecidos. Jamais se poderia acreditar que o homem, tão minúsculo ante a imensidão celeste e fruto intrínseco e genuíno do planeta Terra, se pudesse um dia dele desprender e voar em passeios prescruadores por paragens que não nos pertencem. Este privilégio, até há pouco tempo, estava reservado unicamente para as almas, os espíritos, os anjos, os santos, etc..

Em consequência, o paraíso, o inferno, o purgatório, que sempre foram apontados com o dedo indicador como estando ali, no céu, atrás daquelas nuvens; tiveram que ser removidos, mudados por regiões outras mais longínquas, onde a impertinência iconoclasta dos cientistas ainda não conseguiu devassar. Agora, quando se pergunta "onde está o paraíso", já não respondem com tanta convicção e certeza de que está ali no céu. E-lhes preciso procurar na temática teológica

argumentos que nem sempre satisfazem a si próprios. É tão certo isto, que um padre católico, tido e navido como um luminar da Igreja, presente a um programa de televisão ("Roleta Paulista", canal 5) — arguido sobre onde fica o paraíso, o purgatório, e o inferno, respondeu enfaticamente: "como posso sabê-lo, se nunca estive lá?"

Seria então o caso de perguntar a esse sacerdote: por que vendem missas para salvar as almas dos que estão lá, quando eles mesmos, os sacerdotes, não têm certeza da existência desses lugares?

Se o clero católico apostólico romano, que durante os mil e setecentos anos de existência que leva e que teve domínio quase absoluto nos sistemas políticos onde se desenvolveu, tivesse agido com a mesma desenvoltura como pensa fazê-lo agora, duas coisas poderiam ter acontecido: Ou teria desaparecido, trágado pela reação política dos potentados (pois, o papa Paulo VI já está sendo acusado de socialista e extremista), ou a situação dos pobres teria grandemente melhorado.

Infer-se, de tudo que vem acontecendo, que este avanço científico que está estrelecendo os velhos e ortodoxos conceitos teológicos, conduzirá fatalmente os homens, num futuro bem próximo, a compreenderem que o paraíso, o purgatório e o inferno, estão aqui mesmo e que foi o homem quem os fabricou. Portanto, compete ao próprio homem, fabricar aqui mesmo um novo mundo, onde haja um pouquinho de paraíso para cada criatura humana, que, segundo a Bíblia, "são todos filhos de Deus".

Pedro Catalo



É comum ver-se agora padres, bispos, pastores cardeais e papas transformados em paladinos de reivindicações proletárias.

Afinal, que somos!?!...

Um Prefácio (De Monteiro Lobato)

Pede-me V. um prefácio para este livro e eu tremo! Não sei como abordar o antigo "undiscovered country", já tão penetrado hoje, mas cada vez mais dilatado e incompreensível. AFINAL, QUEM SOMOS? O "quem" da primeira pergunta indica que somos gente — mas seremos gente, Pedro Granja? Os horrores de Dachau e Buchenwald me deixam incerto. Talvez sejamos apenas coisas vivas. E neste caso a pergunta seria: "Que coisa, na ordem universal, é esse bichinho que, ora se revela como S. Francisco de Assis, ora pregar amor aos peixes em vez de pescá-los, ora, como aquela Irma Griese que, num campo de concentração nazista, amarrava as pernas das prisioneiras grávidas para que morressem nas dores horrendas de um parto impossível? Que coisa é esse estranho bichinho que aprimora a inteligência até o ponto de desintegrar o invisível átomo, e depois vai com a bomba atômica destruir cidades habitadas por dezenas de milhares de irmãos inocentes de qualquer crime?"

O transformismo define esse vertebrado como um pouco de protoplasma que foi evoluindo em certo sentido, está hoje no estágio do "Homo Sapiens" e continuará evoluindo enquanto houver no planeta condições para a vida orgânica. — Ou enquanto as "Invenções de Moite" não puserem termo às guerras pela extinção total da raça dos combatentes, dirá alguém.

Sim, responde melancolicamente o filósofo, pensando nas armas e em suas etapas históricas. Caminhávamos a princípio lentamente, do simples tapete inicial à flecha. Quantos milhares e milhares de anos! Já foi mais curto o caminho da flecha à espada. Depois a progressão se fez geométrica: arcabuz, colubrina, canhão, bomba aérea e por fim bomba atômica. Ora, a torneira da inventiva humana abre-se cada vez mais com a expansão da ciência; e como a progressão já está hoje geométrica, quem pode prever o que vai vir depois da bomba atômica?

Esse tacaño troglodita que mora na alma humana, o Patriotismo, afana-se em toda parte, no apuro de novas armas para a destruição dos que

não pensam como ele. E estuda as possibilidades das "pestes dirigidas", horrendas como a do Ano mil, de negra memória, e estuda gases asfixiantes e outros. Mas, como bactéria de peste ou gás mortífero são armas de dois gumes, das que podem voltar-se contra quem as maneja, o que faz o patriotismo esfregar as mãos de contente, é a rádio-emanção!

— Que é isso? Uma nova bomba atômica, cuja função não seja destruir pela violência do abalo, e sim originar tremendos focos de emanações radioativas mortais. Emanações imperceptíveis no momento, indetectáveis, de modo que o "inimigo" só as percebe quando começarem a surgir degenerescências de toda sorte, loucuras inéditas, dores nunca antes sentidas e mil outros horrores inimagináveis que irão encher do mais puro deleite o Patriotismo da nação aplicadora.

E assim, até que outra nação invente, por exemplo, a "Fulminante Relâmpago", que em vez de botar saltos de borraça em dez minutos, como o "Relâmpago" da praça da Sé, fulmine em dez minutos um país inteiro de 50 a 100 milhões

de habitantes. E num tal andar, numa "marcha celerada", com todos os Estados Maiores dispendo de todos os recursos financeiros das nações para o aprimoramento da arte militar, o Patriotismo acabará deixando o planeta nú e calvo como a Lua, sem o menor resquício de vida orgânica. E acabou-se o homem!

Será assim? Não! Responde você, meu caro Pedro Granja, e responde exaustivamente nas copiosas páginas deste livro. Porque as bombas, as pestes e a rádio letalidade, destroem apenas as casas, não destroem os moradores. Destroem as casas de tijolos, pedras e ferros das cidades, e destroem as "casas fisiológicas" em que moramos cada um de nós: os nossos corpos. Mas não matam, não destroem os nossos "eus". O "eu" que assiste à destruição de seu corpo, dele apenas se afasta como se afasta da gaiola o passarinho quando pilha a porta aberta. Percebe a casa, o morador continua vivo e eterno, em sua eterna peregrinação evolutiva.

A Lei da evolução é a mesma de Deus dos místicos. Na lei da Evolução não há prin-

cípio nem fim. Tudo se transforma eternamente. Tudo evolui na direção de um término que é a Desintegração. A física atômica nos mostra o término do Urânio que com a desintegração dos átomos passa do estado de matéria para o de energia. Mas a desintegração não é um fim definitivo. Seja a de dois astros que se chocam e voltam ao estado de nebulosa, ou seja a dum corpo que passa do estado orgânico para o inorgânico, a desintegração não constitui término absoluto, sim apenas parada, estação de repouso.

Tudo recomeça. A nebulosa vai lentamente se condensando para produzir novos astros. E a matéria inorgânica, que a química domina e manipula, passa de novo, ao sópo da misteriosa energia Vida, para o estado orgânico. E novas "casas fisiológicas" surgem, em que nossos "eus" vagos pelo espaço, invisíveis aos nossos olhos, vêm habitar de novo. E o eterno retorno. É a Roda que tanto preocupa aquele "Lama Vermelho" do Tibet, do "Kim", de Rudyard Kipling, e o círculo perpétuo.

A Lei da Evolução não segue uma linha reta definitiva. Des-

creve um círculo em que todas as coisas retornam. Tudo que hoje é, já foi e será de novo no futuro, ou em sua forma atual ou em formas imprevisíveis.

(Continua no próximo número)



Centro de Estudos "José Oiticica"

Rua Almirante Barroso — N° Rio de Janeiro
Esta entidade cultural a cuja frente se acham o Dr. Ideal Perez, o engenheiro Germain Bottino, o arquiteto Edgard Rodrigues, o Prof. Serafim Pôrto e outros esforçados intelectuais, continua ininterruptamente o seu vasto programa de realizações.
Entre outras atividades, já foram realizadas as seguintes conferências:
Profa. Tamar Sette Pinheiro: «Movimentos da Juventude Moderna»;
Socióloga Licina Valladares: «Um Estudo de Sociologia em uma Cooperativa»;
Socióloga Alzira Cohn: «O que Vi Nas Kibbutzãs»;
Jornalista Nilse Risone: «Aspectos do Racismo no Brasil».
Em outros números publicaremos a continuação das atividades dos nossos amigos do Rio de Janeiro.

Nós precisamos de seu tempo:

Queremos que V. leia dealbar inteiro

Nós precisamos do seu dinheiro:

Queremos que V. dê uma contribuição

para que dealbar continue saindo

O Dealbar não tem preço:

Dê quanto V. acha que éle vale

Ou quanto V. possa dar.

Centro de Cultura Social

O C.C.S. vem mantendo, através dos seus 34 anos de existência, o habitual roteiro cultural. Para este ano, como nos anteriores, já tem programado um vasto curso de realizações artísticas e culturais.

Por intermédio do «LABORATÓRIO DE ENSAIOS» realizar-se-ão várias aulas de teatro, assim como debates ao redor de dramaturgia e cinema, exposições de pintura, escultura e desenho.

A comissão executiva promoverá ciclos de conferências filosóficas, científicas e sociológicas, com os respectivos debates.

Com estas iniciativas, o C.C.S. pensa satisfazer a expectativa dos associados e amigos.

Rua Rubino de Oliveira, 85

Entrada franca.

Esta é a pergunta que nos faz um entusiasmado leitor, ao mesmo tempo que nos felicita pela idéia acertada do nome. Poderíamos responder a este amigo que, Dealbar, em si, é um nome como outro qualquer. Todavia, quando uma iniciativa ou uma empresa se inicia, procura-se identificar a sua denominação com a própria finalidade que se persegue. Isto, precisamente, ocorreu em nosso caso.

Pretendemos fazer uma obra de cultura, de esclarecimento e orientação, sempre dentro de postulados elevados alheios a toda política partidária, buscando defender, na medida dos nossos conhecimentos, uma ética de superação humana. Procurávamos um termo que correspondesse a esta finalidade, buscávamos uma palavra meiga, sonora, expressiva, que convidasse ao diálogo e vertesse símbolos benfazejos que relembrassem as lapidais palavras do inesquecível poeta santista Martins Fontes: «Se todo o mundo soubesse como é bom ser bom». Vale a pena repetir: «Se todo o mundo soubesse como é bom ser bom».

Será esta uma das precípuas tarefas do nosso «Dealbar»; despertar no indivíduo o que ele tem de bom para que possa sentir na plenitude dos seus sentimentos, as vibrações maravilhosas de saber «como é bom ser bom».

No primeiro número deste jornal, um nosso colaborador desdobrou lírica e poéticamente a significação simbólica de «Dealbar». Hoje, para gáudio do nosso entusiasta leitor, prolongaremos os símbolos que refletem os nossos desejos, compreendidos na intenção e nos propósitos do grupo editor. «Dealbar» é para nós a expressão de uma esperança certa, aurora próxima que marcha célere ao encontro de dias melhores. Clamor uníssono de ardentíssimas corações que almejam paz, querem justiça, procuram harmonia, repudiam violência. Marco inicial de uma era nova que nos traz o sorriso amigo, o abraço irmão, o amplexo universal. É sempre e sempre o chegar de um novo dia que há de iluminar a mente dos que tudo podendo, nada fazem; dos indiferentes, dos adormecidos e dos conformados.

Dealbar expressa a inquietação diuturna do pensamento livre e a promessa, do valente desbravador da história humana. É a idéia esvoaçante do pensador sincero, do artista ativo e soberano que esculpe e pinta em painéis de glória, a colorida esperança dos que sofrem. É incitamento e força que chama a construir. É brancura de pureza e branco honesto da conduta humana. «Dealbar» é visão crepitante do utopista que se antecede ao progresso e traça com mãos de gigante as belezas do futuro no presente. É emoção, constância, energia, vitalidade. É sorriso otimista que não se importa com a ironia dos incredulos e a displacência dos céuticos.

«Dealbar» é a bandeira dos que não se consideram nunca derrotados. É a afirmação irreverente contra os que se omitem do progresso, contra os que fogem do facho luminoso da evolução. «Dealbar» é mensagem de fraternidade, é enunciado de lutas e sacrifícios, é o apelo das finalidades superiores no congraçamento do que é justo, do que é bom; do que é justo e bom sem as particularidades das conveniências, sem sofismas codificados. É vontade inabalável de plasmar em realidade um mundo melhor para os nossos filhos e bom para as gerações vindouras. Um mundo sem os soluços de mães desamparadas e sem a angústia de pais sem oportunidades. Sem a luta de todos contra todos, sem a perspectiva incerta do amanhã. «Dealbar» é renúncia em favor do bem comum, é despreendimento, é altruísmo. Tudo isso e mais ainda é para nós, Dealbar.

P. Drinho

DUAS MULHERES E DOIS HOMENS

Flutuando sobre o mar dos acontecimentos militares, políticos e sociais do momento que vivemos, duas mulheres conseguiram ocupar a primeira página de todos os diários do mundo: Indira Gandhi e Svetlana Stalin. Não esqueçamos que ambas têm, projetada sobre sua figura, a sombra de um homem. Que, possivelmente, nem uma nem outra teriam interessado tão poderosamente à opinião pública mundial, se as duas não fossem filhas de homens que, por sua vez, ocuparam por muito tempo a mesma opinião pública.

Não dizemos isto em demérito de nenhuma das duas: é uma constatação de fato. Por toda nossa vida somos acompanhados daqueles de quem descendemos, inclusive daqueles fatos e acontecimentos em que eles estiveram implicados ou entrelaçados.

Indira Gandhi demonstrou, no tempo em que vem assumindo as responsabilidades de Primeiro Ministro da Índia, governando — ou pensando governar — quinhentos milhões de homens, que não lhe falta o valor, a inteligência, a finura. Ouvimo-la em dois programas de televisão. Tivemos boa impressão. Pareceu-nos, firme, lúcida, comedida, bastante feminina, apesar de possuir modos de resistência e de energia que falta a muitos homens. Cremos, sinceramente, que, mesmo que não fosse filha de Nehru, teria podido ser a personagem política da Índia.

Mas é certo que não teria sido, se não fosse a filha do Pandit. É à sombra do pai, primeiramente conhecida através do pai, seguindo os passos do pai, como Indira conseguiu escalar o primeiro posto no universo estranho e contraditório da Índia. Primeiro posto que certamente não é uma sinecura, no qual é até possível que perca a vida — o Mahatma Gandhi foi assassinado e ela mesma já sofreu um atentado — mas que é quase incrível ser ocupado, nesses países em que tantos preconceitos pesam sobre o sexo feminino, por uma mulher.

Indira Gandhi foi reeleita por unanimidade Primeiro Ministro. O Partido do Congresso, ao qual ela pertence, reeleveu-a. Seu próprio contendor abandonou a batalha, satisfeito em ser vice. Mais uma vez o prestígio de Nehru, unido às provas de boa vontade, de tenacidade, de paciente obstinação de Indira, conferiram-lhe a possibilidade da sua obra. Obra muito difícil nas condições em que deve realizar-se, lutando com as castas, os preconceitos religiosos, o racismo, as tradições milenares; num país em que se morre de fome mas que ordena o sacrifício de vacas para alimentar crianças produziu uma rebelião popular.

Indira não poderá realizar milagres, pois que, sem uma revolução profunda nas estruturas e nos espíritos, não podem realizar-se nem na Índia nem em qualquer outro

país. Apesar de tudo, estamos certos de que por vontade — e boa vontade — para fazer tudo quanto esteja ao seu alcance para realizar o avanço moral, social e político do povo indiano. Simplesmente porque é uma mulher e porque possui virtudes essencialmente femininas: sentimento maternal extensivo a toda a coletividade; sentimento do dever, que arranca de sua própria sensibilidade; sentimento de fidelidade às suas origens, às esperanças e às necessidades de seu povo, desses homens e mulheres que são os mais desgraçados, os mais indefesos da Terra.

Quanto a Svetlana Stalin, que dizer dela? Morto o tirano de todas as Rússias, cuja sangrenta história só é comparável à de Ivã o Terrível, Svetlana passou a ser uma mulher russa qualquer. Filha preferida do despota desaparecido, seus sucessores, na melhor das hipóteses, esqueceram-na. O que não deixa de ser uma grande vantagem num país que vive sob um regime que só lembra os homens para utilizá-los ou para liquidá-los.

Por que Svetlana pediu asilo político em um país do Ocidente? Só ela poderá responder a esta pergunta. É possível que, no caso de Svetlana, a sombra de Stalin, por diversa mecânica, tenha complicado sua vida na URSS.

É possível que o fato de contrair matrimônio, em quartas núpcias, com um di-

plomata hindu, tenha criado problemas à sua vida na URSS, tendo preferido emigrar de seu país e fixar residência em outro, o que só poderia realizar acolhendo-se ao direito de asilo político.

Deixamos de lado outras possibilidades, porque não acreditamos que Svetlana, mulher simples e despreocupada, possa ser comparada às agentes «duplas» dos serviços de espionagem, desde Lady Stanhope até nossos dias.

Vemos em Svetlana uma mulher com dificuldades familiares e domésticas, ansiosa de libertar-se do pesado fardo de seu passado, desejando fugir para sempre do quadro de sua infância, de sua adolescência e juventude, à sombra do Kremlin e do sinistro homem que, pela astúcia, a crueldade e a violência, conseguiu converter-se no árbitro indiscutível de vidas e haveres na Santa Rússia. Spureou de muito a Ivã o Terrível e Pedro o Grande.

A sombra de Stalin, projetando-se sobre Svetlana, só lhe trouxe ódios, dúvidas, animosidades e perigos. Pretende desembaraçar-se dela. Conseguiu-lo? Duvidamos. No Ocidente, como a Kravchenko e muitos outros, se não quiser tornar-se vedete do cinema, explorando seu nome durante alguns meses, só encontrará o esquecimento. E o esquecimento é na Rússia um alívio, mas no mundo ocidental é uma das várias formas da morte.

Federica MONTSENY

Não estamos satisfeitos com...

(Continuação da 1.ª página)

raciocínio, daqueles responsáveis pela distribuição de toda a riqueza social e, ao mesmo tempo, em que repletam as arcas douradas dos reinantes, deixem cair alguns cruzeirinhos nos esqueléticos cozinhos do salário mínimo.

Estas fulminantes fortunas, ainda insuficientes para cobrir «modestas» despesas desses «cabeças douradas», como lhes chama o jornal, não são a éter atribuídas pelo desempenho de alguma atividade útil para a

comunidade. Como se sabe, os reis não trabalham, não têm profissão. «Son Ré perche gli altri son gnoranti» — disse Giuseppe Giusti, poeta italiano. Aquela bíblica sentença que diz: «ganharás o pão com o suor da tua frente», Deus não a fez para eles. Eles são os próprios deuses da terra.

Quando Benito Mussolini, o celeberrimo Benito Mussolini, ainda era socialista, assim definiu o monarca: «O Rei, por definição, é um cidadão inútil». Por muito que se rebusque na história, por mais istrionicos malabarismos que se faça, ainda não está plenamente justificada a existência desses devoradores de fortunas.

AVISO IMPORTANTE

Para evitar transtornos toda correspondência e valor devem ser dirigidos em nome do Diretor

NOSSO CORREIO

PARA — P. F. Pinto, seguiu carta e jornais. Boa sorte. Ribeirão Preto — Rocha, esperamos carta sua. Tudo Bem? São Paulo — Dona Isa Ruti, como vai a saúde? E as carinhas?

Bahia, Salvador, Emerson, desejamos notícias suas. Pelotas — Terêncio, todo valor e correspondência deve ser enviado a nome do Diretor.

Muito obrigado pelas referências e pelo oferecimento de solidariedade.

Você é um grande amigo. Sergipe — Massena, cadê notícias sua? Você é amigo do peito, mande notícias.

Copacabana — Ferrua, sua iniciativa é ótima. Segue carta.

Pôrto Alegre — M. Fernandez, A sua proposta é muito boa, nos interessa bastante. Logo mandaremos notícias. São Carlos — Paulo, Recebeu os jornais?

Bebedouro — Breviglieri, mandamos livros e carta. Estamos sempre às ordens.

Pindorama — Honório, Pucha! Que homem difícil! Mande notícias.

Pôrto Alegre — R. Fernandes: O sítio ainda não tem iniciativas de caráter social, mas vai se fazendo o que é possível. Um abraço para você.

Rio de Janeiro — Prof. Pôrto, E a colaboração que lhe pedi?

Rio de Janeiro — Rodrigues: como vai a nossa obra? Escreva, é sempre agradável receber notícias suas.

A REDAÇÃO

Instantes para amar

Procriar é efetuar a continuidade da espécie.

Nenhuma outra ocupação humana tem tanta sublimidade como esta.

E nenhuma das ações naturais dos homens nunca esteve tão aureolada.

Todas as raças, em todas as latitudes, sempre prestaram a este feito o mais sagrado dos cultos.

Em todas as latitudes e todas as raças, em todos os tempos, intuíram o supremo valor dessa ação. E ainda que não o houvessem intuído, tê-lo-iam experimentado, pois, que prazeres psicológicos e físicos, os mais altos prazeres, propoçiona essa ação. Porque o natural objetivo das relações sexuais é este: procriar.

Erram os que chamam de grossérios os sádios prazeres da procriação. A grosseria existe quando as relações sexuais perdem os seus objetivos e apenas satisfazem vícios.

Todas as espécies enfeitam-se com seus melhores atributos nas épocas destinadas a essa função. Os seres humanos, também, sofrem, essas influências nos melhores períodos de sua vida.

E é ótimo que assim seja, pois se é certo — e não há nenhuma razão para duvidá-lo — que as qualidades do ser procriado dependem em grande parte das qualidades de que gozam os procriadores no exato momento da procriação, sentir os maiores desejos quando nos encontramos possuídos das me-

lhores qualidades, é a forma de que a natureza se vale para o aperfeiçoamento da espécie.

Todavia, nem sempre sucede assim: os gózos sexuais, rebaixados às torpes regiões do vício, fazem esquecer os supremos objetivos dessas relações, procriando-se por mero acidente e, na maioria das vezes, nas piores condições. Então, de sublimidade, o procriar torna-se um ato criminoso de baixa consciência.

E a humanidade prossegue relaxada e amorfa, com quase total ausência dos atributos que caracterizam o espécie humana.

Por isso, procriar é a mais responsável de quantas ações praticam os seres humanos... e no entanto a que com menos responsabilidade se realiza.

As atrocidades da vida social moderna induzem os homens conscientes a não procriar. Porque, ser responsável pela vida de seres que depois serão escravos de todas as tiranias e enrolados por todas as baixezas, repugna a quem adquiriu a consciência do alto sentido da vida.

Por isso, toda a beleza que tem o procriar ante a vida natural, nubla-se diante da vida social e até se converter em tudo que é feio.

Daí ser imprescindível fazer a paternidade consciente e limitada, o que só será possível através da educação sexual.

Adquirir consciência das ações fundamentais de nossa experiência, é aprender a viver da maneira melhor.

(de «Tierra y Libertad», México)



PROCRIAR

BALANCETE

CONTRIBUIÇÕES RECEBIDAS ATÉ FINS DE MAIO DE 1967

SÃO PAULO — J.C., NCr\$ 5,00; G.A.F., NCr\$ 2,00; Trubillano, NCr\$ 20,00; Raya, NCr\$ 1,00; Waldir NCr\$ 1,00; F. Colas, NCr\$ 1,00; Genarino, NCr\$ 0,60; Isabel, NCr\$ 1,00; F. Aiello, NCr\$ 1,00; A. Gomes, NCr\$ 2,00; Orlando, NCr\$ 1,00; Jaime, NCr\$ 35,00; Nunes, NCr\$ 2,00 Total NCr\$ 72,60.
DIVERSOS — R.G. do Sul: Italchenko, NCr\$ 1,00; Mogi das Cruzes, Castor, NCr\$ 4,00; Agostinho, NCr\$ 3,00; Bebedouro, P.F.S. Pinto, NCr\$ 10,00; Breviglieri, NCr\$ 0,50; Grupo de Bebedouro, NCr\$ 15,00; Osasco, Pácio, NCr\$ 50,00; Sergipe, Massena, NCr\$ 2,00; Campinas, Atilio, NCr\$ 2,00; Total: NCr\$ 87,50.

RESUMO

ENTRADA GERAL NCr\$ 160,10
SALDO ANTERIOR NCr\$ 87,91
TOTAL GERAL NCr\$ 248,01

GASTOS

Tipografia, composição do nº 4 NCr\$ 100,00
Clichês nº 4 NCr\$ 67,00
Para registro do jornal NCr\$ 80,00
Selos para a expedição NCr\$ 16,50
Selos para correspondência NCr\$ 5,00
Telegrama NCr\$ 0,75
Condução para companheiros de fora NCr\$ 9,00
2 corridas de automóvel para tratar do jornal NCr\$ 5,00
Tipografia e composição nº 5 NCr\$ 80,00
Paginação e Impressão NCr\$ 30,00
Clichês nº 5 NCr\$ 50,00
Papel nº 5 NCr\$ 20,00

RESUMO

ENTRADA NCr\$ 248,01
SAIDA NCr\$ 463,25
DEFICIT NCr\$ 215,24

A VELHICE

Pelo Dr. Ramón y Cajal (de "Tierra y Libertad", México)



Expressão Artística de VAN GOGH

O mais deplorável na velhice é a perda da individualidade física e moral. Na extrema senilidade, almas e rostos pare-

cem-se todos; nada há mais semelhante a uma caveira do que outra caveira.

Afirmava Peter, e depois repetiram muitos patologistas, que o homem tem a ideia de suas artérias.

Mas não explicam porque o coração e as artérias envelhecem. Frequentemente seu desgaste prematuro traduz o número dos desenganos sofridos e o peso e alcance da obra realizada. Um encanamento que funciona a alta pressão, deteriora-se rapidamente.

A glória tardia, em plena velhice, traz ao espírito certa melancolia tranquila e doce. No arrebol do entardecer já não cantam as andorinhas, mas agitam-se os morcegos. E por cima de tudo, destacam-se duas grandes dores: falta-nos o beijo de amor de nossos pais e o beijo de judas dos inimigos. Contudo, esta última e amarga satisfação nem sempre falta.

Há uma doença crônica, necessariamente mortal, que todos deveríamos evitar e que, pelo contrário, todos desejamos: a velhice.

A felicidade e o contentamento estão sempre juntos na consciência da atividade eficiente: na adolescência, no processo de formar uma alma pensante; na juventude, quando da procriação dos filhos; na maturidade, pela geração e parto das ideias. Somente quando criamos, esquecemos injustiças e pesadelos. Mas o decrepito não cria; limita-se a vegetar. Por isso é um desgraçado.

Traço característico da velhice é crer que com a nossa

ruína deve coincidir precisamente a do Universo. O laudador temporis acti de Horácio é mero sintoma do progressivo apagamento sensorial. Afirmar-se-ia que através da incipiente catarata senil nublam-se o mundo físico e moral. Fica, contudo, um poderoso esplendor interior; mas ilumina exclusivamente lembranças associadas ao triunfo passado de nossos sentidos e às galhardas proezas de nossa juventude.

Ultrapassadas as fronteiras da velhice, aprendemos esta melancólica verdade, tão cantada pelos antigos, principalmente Cícero: que a verdadeira ventura consiste na contemplação da Natureza desde um recanto solitário. Por isso invejamos a sábia conduta do naturalista Fabre, o qual, exilado em sua "Harmas de Serignan", consagrou sua existência ao estudo dos instintos dos insetos, desvendando a geometria transcendental de aranhas e abelhas, a prodigiosa cirurgia do "Sphex" e do "Cerceris", ou, ainda, as maravilhosas previsões materiais do besouro. E assim o hermitão de Serignan, com muitos plácidos colóquios com o mundo da vida, viveu feliz e robusto seus noventa e seis anos. No entanto, para adotar esta atitude filosófica é necessário ser tão rico de talento quanto de modéstia, e subordinar abnegadamente a um pensamento central e permanente todas as energias do espírito. Felizes os homens que oferecem toda a sua vida a uma só ideia, porque eles permanecerão nessa ideia e por ela.

dealbar

A IDEIA É COMO A GOTA D'ÁGUA. PODE REFLETIR A IMENSIDADE.

Ano 1 - Número 5 - JUNHO DE 1967 - Preço N Cr\$ 0,20

1.º DE MAIO

Esta memorável data proletária foi congnamente comemorada pelos libertários de São Paulo, que como herdeiros diretos que são da filosofia social que animou os protagonistas daquela histórica tragédia, zelam para que seja mantida a pureza da sua verdadeira significação histórica.

Com o pequeno teatro de arena do Centro de Cultura Social, totalmente tomado, o secretário geral Germinal Leuenroth, com lúcidas e breves palavras deu por iniciada a sessão, sendo lida uma moção de solidariedade enviada pelo Centro Galego e Centro Democrático Espanhol de São Paulo.

Seguiu-se com a palavra Pedro Catalo, que em rápido e documentado histórico demonstrou a falsidade do processo e a infâmia jurídica de que foram vítimas os acusados Augusto Spies, Michael Schwab, Samuel Fielden, Adolfo Fischer, George Engel, Luis Lingg, Oscar W. Neebe e Alberto Parson. Em breves palavras ressaltou a importância histórica de testemunhas insuspeitas que depuseram em favor dos réus, e principalmente o espírito de justiça que animou o governador de Illinois, Sr. M. Alf. Anglet, que seis anos mais tarde de haver-se consumado aquele crime, revisando o processo reconheceu a inocência daqueles denodados militantes libertários. Em consequência determinou a libertação imediata dos únicos três que não haviam sido condenados à força.

Outro orador foi o Sr. José Vendrel, representando o Centro Galego e Centro Democrático, que solidarizando-se com a data 1º de Maio, chamou a atenção dos presentes para os acontecimentos que se estavam registrando na Espanha naqueles momentos. Referiu-se ao espírito de luta daquele povo que, apesar de sofrer a tirania dum regime totalitário há quase trinta anos, ainda conquista às ruas para fazer sentir os seus protestos. Propoz uma moção de solidariedade aos trabalhadores espanhóis que naquele preciso momento, segundo comunicado do rádio, estavam sendo metralhados em plenas ruas, e outra moção de protesto contra o governo franquista.

Seguiu-se com a palavra o jornalista Aristides Lobo, especialmente convidado pelo Centro de Cultura Social. Este velho militante socialista, sempre ardoroso, sempre pujante em sua oratória, com aquela franqueza inquebrantável que caracterizou a sua longa militância, fez um ligeiro retrospecto de quando equivocadamente dera o melhor dos seus anos para a causa comunista. Relembrou as lutas libertárias e fez uma carinhosa referência à vida intangível, honesta e dedicada, do velho jornalista Edgard Leuenroth, que se achava ali presente.

A seguir foi a vez de Lorenzo Cerrano, Ministro do Governo Republicano Espanhol no Exílio, que fazendo a apologia de todos os mártires que caíram na luta pelo bem da humanidade, lembrou o sacrifício, a coragem e a perseverança, dos homens conscientes que cotidianamente são sacrificados pelas ditaduras de Franco e Salazar. Terminou as suas palavras conchitando à luta até a derrubada final daquelas truculentas ditaduras.

O último orador da noite foi o velho militante anarquista Edgard Leuenroth. Este jornalista, sem tomar conhecimento dos seus oitenta e cinco anos de idade, fazendo juízo aos seus pendores naturais de arquivista, trouxe farta documentação sobre a memorável tragédia de Chicago, que não chegou a expô-la totalmente porque o tempo era bem curto para a sua lúcida memória que um verdadeiro repertório histórico de toda a luta social universal.

Não pôde por menos que comover-se quando se referia às lutas passadas onde participou e que abriam risonhas perspectivas de dias melhores para o proletariado. Profligou acrememente a ditadura comunista russa, em cujas mãos estiveram os destinos da humanidade, e clamou a todos os militantes socialista em geral, e a todos os homens de boa vontade, em particular, para que as novas experiências sociais sejam feitas sempre animadas de espírito de justiça e bem estar para todos.

Com atitudes juvenis e com risonha esperança nos lábios, sob o aplauso geral dos presentes, terminou a sua oração.

Como parte final deste ato comemorativo do 1º de maio de 1967, foi aprovada a seguinte moção que foi enviada a embaixada espanhola e publicada em boa parte da imprensa de São Paulo:—

PROTESTO

Em sessão comemorativa do 1º de Maio, realizada nesta capital, o Centro de Cultura Social aprovou e enviou ao embaixador da Espanha no Brasil, d. Jaime Alba, ao ministro consular-geral da Espanha em São Paulo, d. Oscar Peña Camus, e à organização Solidaridad de Trabajadores Bascos Alianza Sindical (CNT-UGT-STV), a seguinte mensagem de protesto: «Na oportunidade do ato cultural comemorativo do 1º de Maio, organizado pelo Centro de Cultura Social de São Paulo, os assistentes, o CCSSP, o Centro Democrático Espanhol de São Paulo e o Movimento de jovens Anti-fascistas de Porto Alegre, manifestam o seu mais enérgico protesto contra as detenções e a brutal repressão sofrida pelos trabalhadores espanhóis e especialmente bascos sob a tirania fascista do general Franco.

AUTORITARISMO

ERICH FROMM

O primeiro mecanismo de fuga da liberdade de que me irei ocupar é a tendência para renunciar à independência do próprio ego individual e fundi-lo com alguém ou algo, no mundo exterior, a fim de adquirir a força de que o ego individual carece. Ou, por outras palavras, procurar novos "vínculos secundários" como sucedâneo para os vínculos primários que se perderam.

As formas mais conspícuas deste mecanismo são encontradas no anseio de submissão e dominação, ou então, como preferimos dizer, nos impulsos masoquistas e sádicos existentes em grau variável tanto nas pessoas normais quanto nas neuróticas. Inicialmente descrevemos estas tendências, para depois procurarmos mostrar por que ambas servem como fuga de uma solidão insuportável.

As formas mais frequentes sob que aparecem os impulsos masoquistas são sentimentos de inferioridade, impotência e insignificância individual. A análise de pessoas obsedadas por estes sentimentos revela que, embora conscientemente se queixem e queiram livrar-se deles, inconscientemente há uma força em seu íntimo que as leva a sentirem-se inferiores ou insignificantes. Seus sentimentos são mais do que uma percepção de deficiências e fraquezas reais (apesar de geralmente serem racionalizados como tais); estas pessoas mostram uma tendência para diminuir a si mesmas, para tornar-se fracas e para não comandar as coisas. Com grande regularidade, estas pessoas evidenciam uma dependência marcante de forças a elas alheias — de outras pessoas, de instituições ou da Natureza. Elas se inclinam a não se afirmarem, a não fazerem o que querem, mas sim a submeterem-se a ordens reais ou supostas destas forças externas. Muitas vezes são incapazes de experimentar a sensação de "Eu quero" ou "Eu sou". A vida, como um todo, é sentida por elas como algo esmagadoramente poderoso que não podem dominar nem controlar.

Nos casos mais extremos — e há muitos — encontra-se, a par destas tendências para diminuir-se e para submeter-se a outras, a tendência para prejudicar a si próprio e causar o próprio sofrimento.

Esta última pode assumir vários aspectos. Verificamos que há pessoas que se deleitam em acusar e criticar a si próprias,

quando nem mesmo seus piores inimigos o fariam. Há outras, como os neuróticos compulsivos, que propendem a torturar-se com ritos e pensamentos compulsivos. Em determinado tipo de personalidade neurótica, constatamos uma tendência para ficar doente fisicamente e para esperar por uma doença, consciente ou inconscientemente, como se fosse uma dádiva dos deuses. Bastante vezes sofrem acidentes que não teriam acontecido se não fosse a atuação de uma tendência inconsciente para sofrê-los. Estas tendências dirigidas contra as próprias pessoas muitas vezes são denunciadas sob formas ainda menos ostensivas ou espetaculares. Por exemplo, há pessoas incapazes de responder a perguntas em um exame, malgrado as respostas sejam bem conhecidas por elas na hora do exame e até depois. Há outras que dizem coisas que indispõem os entes queridos ou pessoas de quem dependem, conquanto na verdade sintam amizade por estas e não tivessem intenção de dizer tais coisas; quase que parece que elas seguiram conselhos dados por um inimigo para comportarem-se da forma mais prejudicial para si próprias.

As tendências masoquistas são amiúde consideradas como simplesmente patológicas ou irracionais. Mais comumente são racionalizadas. A dependência masoquista é concebida como amor ou lealdade, sentimentos de inferioridade como a manifestação adequada de deficiências reais, e o sofrimento pessoal como sendo inteiramente devido a circunstâncias que não se podem modificar.

Além destas tendências masoquistas, seu exato oposto, ou sejam, as tendências sádicas, são regularmente encontradas no mesmo tipo de caracteres. Variam de intensidade, são mais ou menos conscientes, mas nunca estão ausentes. Existem três tipos de tendências sádicas, mais ou menos entrelaçadas. Uma é para tornar os outros dependentes da pessoa e para exercer poder absoluto e irrestrito sobre elas, de modo a fazer delas nada mais do que instrumentos, "argila nas mãos do oleiro". Uma outra consiste no impulso não só para governar os outros desta maneira absoluta, mas para explorá-los, usá-los, roubá-los, eviscerá-los e, por assim dizer, para incorporar qualquer coisa deles que seja "assimilável". Este desejo pode referir-se a coisas materiais tanto quanto a imateriais, tais como as qualidades emocionais ou intelectuais de que

a pessoa disponha. Uma terceira espécie sádica é o desejo de fazer os outros sofrerem ou de vê-los sofrer — o sofrimento pode ser físico, mas mais comumente é mental. O objetivo é ferir ativamente, humilhar, deixar os outros em situação vexatória, ou vê-los em situação humilhante.

Por motivos óbvios, as tendências sádicas são geralmente menos conscientes e mais racionalizadas do que as mais aceitas socialmente de natureza masoquista. Amiúde elas se acham inteiramente encobertas por formações reativas de bondade exagerada ou de excesso de zelo pelos outros. Algumas das mais frequentes racionalizações são as seguintes: "Eu mando em você porque sei o que é melhor para si, e em seu próprio interesse você deve obedecer-me sem oposição". Ou então: "Eu sou tão formidável e impar que tenho o direito de esperar que as outras pessoas dependam de mim". Outra racionalização que geral-

rece aqui ser salientado: sua dependência face ao objeto do sadismo.

Enquanto é evidente a dependência da pessoa masoquista, esperamos que com a pessoa sádica ocorra o contrário: ela parece tão forte e dominadora, e o objeto de seu sadismo tão fraco e submisso, que é difícil pensar na forte como dependente daquela sobre a qual exerce seu poderio. No entanto, a análise mais cerrada demonstra que isto é verdade. O sádico precisa da pessoa em que ele manda, precisa muito dela porque seu próprio sentimento de força emana do fato de ele ser o senhor de alguém. Esta dependência pode ser inteiramente inconsciente. Assim, por exemplo, um homem pode tratar a esposa bem sádicamente e dizer-lhe que ela pode abandonar o lar qualquer dia, pois ele só ficaria contente com isso. As vezes ela está tão subjugada que nem ousa tentar ir embora, e portanto ambos continuarão a crer que o que ele diz e verdade. Porém, se ela conseguir reunir suficiente coragem e disser que vai abandoná-lo, pode ocorrer algo bastante inesperado para ambos: ele ficará desesperado, entregará os pontos e pedirá a ela que não o deixe; dirá que não pode viver sem ela, declarará quanto a ama, e assim por diante. Geralmente tendo medo de afirmar sua própria vontade de qualquer maneira, ela se mostra inclinada a acreditar nele mudará sua decisão e ficará. A esta altura o jogo recomença novamente. Ele retorna a seu comportamento anterior, ela acha cada vez mais difícil ficar com ele, um dia explode outra vez, ele uma vez mais capitula, e assim sucessivamente inúmeras vezes.

Há milhares e milhares de casamentos e de outras relações interpessoais em que este ciclo se repete reiteradamente, e o círculo mágico nunca é rompido definitivamente. Será que ele mentiu quando disse que a amava tanto que não podia viver sem ela? No que à afirmação dele de que não poderia viver sem ela, isso é — está claro que não ao pé da letra — absolutamente verdadeiro. Ele não pode viver sem ela — ou pelo menos sem alguém que sinta como um instrumento inerte em suas mãos. Enquanto num caso desses os sentimentos de amor só aparecem quando a relação só se vê ameaçada de dissolução, em outros casos a pessoa sádica bem declaradamente "ama" aqueles que sente sob seu poder.

(Continua no próximo número)



"O Medo à Liberdade)

mente mascara tendência exploradoras é: "Fiz tanto por você que agora tenho direito a tirar de você o que quero". O tipo mais agressivo de impulsos sádicos acha sua racionalização mais comum sob duas formas: "Fui magoada por outros e meu desejo de magoá-los é apenas vontade de ir a forra." Ou então: "Atacando primeiro estou-me defendendo ou a meus amigos contra o perigo de sermos feridos."

Há um fator no relacionamento do sádico com o objeto de seu sadismo que é muitas vezes desprezado e por isso me-